

## ARQUEOLOGIA FENOMENOLÓGICA DAS CULTURAS

Cristiano Roque Antunes Barreira\*  
Marina Massimi\*\*

*A aplicação da fenomenologia como método de análise e estudo das culturas força à via regressiva que conforma uma arqueologia. A proposição de realizar uma busca das origens (arche) das manifestações culturais emprega os fundamentos fenomenológicos primeiramente elaborados por Edmund Husserl e posteriormente revisitados por Angela Ales Bello. A exemplo do método regressivo e subtrativo da descrição das essências, o artigo contextualiza a proposta da arqueologia fenomenológica das culturas, aponta as principais tendências que influenciaram as definições da fenomenologia, a concepção de consciência em sua dimensão noética e a importância do retorno à materialidade na análise da constituição do mundo da vida, ou seja, sua dimensão hilética. Para compreensão das culturas outras é preciso, como constata Ales Bello, haver subtração da concepção egocentrada de consciência que tende a visualizá-la sempre por uma perspectiva intelectual. Chega-se, então, ao primado da corporeidade para a realização de uma subjetividade que só a partir deste estrato sensorio-perceptivo inicial pode se formar e se exercer.*

**Palavras-chave:** psicologia, fenomenologia, corporeidade, noética, hilética, cultura.

A Arqueologia Fenomenológica das Culturas é um ramo da fenomenologia que deriva de projeto de Edmund Husserl (1859-1938). Husserl previu a comparação cultural como campo de investigação que – embora não fosse objeto de seus trabalhos por não corresponder aos interesses mais urgentes<sup>1</sup> do filósofo –, sob sua inspiração, tem sido desenvolvido por Ales Bello (1998).

Temas fundamentais da fenomenologia são levados em consideração para se realizar uma análise das culturas e das religiões, através de experiências vivenciais que as constituem. A análise das essências volta seu foco às vivências e às suas dosagens nas ações intencionais, materialmente instaladas nos objetos culturais. Toda expressão espiritual conhecida –

sendo o espiritual compreendido amplamente como aquelas ações volitivas da consciência – tem um correlato material mais ou menos efêmero, mais ou menos resistente ao tempo.

Assim, se a fala e a cultura oral penam para resistir ao tempo, a escrita e a cultura escrita deixam registros mais permanentes. No entanto, não é apenas o sentido explicitado como linguagem verbal que interessa às investigações da arqueologia fenomenológica, mas o sentido intencional, registrado nos mais diversos *produtos* que refletem ou invocam uma intenção humana, que a atitude fenomenológica procurará apreender em sua essência. O contato com um instrumento qualquer, um tambor ou um ícone, por exemplo, invoca a intenção original de seu criador, produzir sons ou representar (*re-*

\* Doutor em Psicologia, realizou entre 2003 e 2004 estágio de intercâmbio junto a Seção de Ciências Religiosas da Université de la Sorbonne (França) e junto a Faculdade de Filosofia da Università Lateranense (Itália). O presente artigo é derivado de parte constitutiva de sua tese *Arqueologia da Intenção do Caminho do Karate: análise psicológica e fenomenológica*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, sob orientação de Dra. Marina Massimi, com o apoio CAPES.

\*\* Marina Massimi é Livre Docente e trabalha junto ao Departamento de Psicologia e Educação na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Especialista na área de História das Idéias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira. Contato: Avenida Bandeirantes, 3900 - 14040-901 - Ribeirão Preto (SP) / Brasil. E-mail: mmarina@ffclrp.usp.br.

<sup>1</sup> Conforme Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. (A. Angonese, Trad.). Bauru: Edusc. (Original publicado em 1997).

*presentificar*) uma entidade ou um símbolo (este último no caso de culturas com um certo grau de complexidade). O alcance da essência de um determinado objeto ou instrumento dependerá da consideração das circunstâncias e influências presentes em sua tessitura, das presenças ou das vivências atuantes e intermediárias em sua ação criadora. Assim, o som do tambor será situado em sua motivação de ser, motivação de contatar o sagrado ou motivação estritamente artística, por exemplo.

O interesse pela religião decorre do fato de que este é um fenômeno constante, em toda e qualquer cultura e civilização (Van der Leeuw, 1992). As religiões refletem aquela intenção de entrar em contato – venerando totens, participando de ritos, reproduzindo símbolos, erguendo templos, contando mitos – com um sentido último que pode, ou não, revelar uma potência intencional maior. Para Van der Leeuw, propostas civilizatórias atéias também refletem uma posição religiosa, uma vez que, na negação de Deus, atribuem um sentido último à realidade.

A meta da arqueologia fenomenológica das culturas é investigá-las escavando os momentos constitutivos das expressões culturais, a fim de se aproximar o máximo possível de suas gênese e revelar seus sentidos profundos. Ao longo da operação de descida pelos sedimentos que as constituem, busca-se considerar suas singularidades, bem como seus traços de universalidade. Tal gênero de investigação possibilita a comparação entre culturas tão diversas como são aquelas ocidentais, africanas, ameríndias ou orientais. Torna plausível o diálogo e a avaliação interculturais, temas intensa-

mente desacreditados, sobretudo a partir da voga de leituras que afirmam a inconciliável relatividade das diferenças, desconsiderando o fato simples de que a diferença só pode ser assim qualificada quando objeto de uma comparação que, necessariamente, referencia-se num princípio de similaridade.

Este projeto de investigação tem seu método fundado na redução fenomenológica ou *eidética*, que consiste na localização da essência do fenômeno estudado. A exigência para tanto, no caso das culturas, é uma investigação daquilo que é subjacente ao objeto cultural. A redução da experiência cultural vale-se do auxílio daquela redução chamada transcendental – isto é, da identificação daquilo que constitui universalmente o ser humano e que é o ponto de partida para viver as experiências, na variedade em que as vive. Localizando o que é próprio do ser humano (mesmo que nem tudo seja exclusivo do humano) – o seu corpo, a sua consciência e os seus atos (recordação, imaginação, etc.) – pode-se compreender como o mesmo atua, ou melhor, vivencia as especificidades das experiências expressas em sua produção cultural. Toma-se, portanto, o fenômeno cultural como objeto passível de evidência das qualidades das experiências que lhe são não apenas subjacentes mas também constitutivas. Além da antropologia fenomenológica, uma arqueologia das culturas contará com o auxílio de outra disciplina, a fenomenologia da religião, dada a importância originária que essa dimensão da expressão humana desempenha em todas as civilizações.

## Fenomenologia: origens e contrastes

### **Um método fiel ao objeto: contra o positivismo**

No contexto de origem da fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl (1859-1938), a concepção hegemônica de ciência era aquela proveniente da filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857). De fato, o positivismo norteou hegemonicamente a ciência desde o século XIX e ainda hoje a influencia, mesmo que não mais de forma onipresente. Comte propõe uma ciência da sociedade que dissesse respeito às leis do funcionamento social, isto é, uma ciência que correspondesse a uma Física Social. No que diz respeito ao indivíduo, a possibilidade de investigá-lo psicologicamente foi levantada, constituindo o que seria a Física Mental. Um trabalho de investigação psicológica foi iniciado pelos positivistas, os quais procuravam estabelecer fórmulas matemáticas para relações causais de estímulo e efeito sensorial<sup>2</sup>. Como indica a própria nomenclatura dada a tais ciências, Física Social e Física Mental, desloca-se um modelo investigativo derivado da física (especificamente da física newtoniana) para investigar aquelas que seriam ciências humanas.

Para Franz Brentano (1838-1917), uma abordagem quantitativa das reações humanas era reducionista e, assim sendo, não verdadeiramente psicológica, mas meramente psicofísica. Brentano afirmava a necessidade de uma Psicologia que dissesse respeito à psique propriamente dita, isto é, ao estudo qualitativo dos atos psíquicos. Defrontada com uma concepção rígida de ciência, estabelecida de relações físico-matemáticas, uma abordagem científica qualitativa não era apenas inovadora, mas necessitava de bases sólidas sobre as quais se desenvolver. No trabalho desenvolvido ao longo de sua vida, Edmund Husserl, um dos discípulos de Brentano – bem como o foi Sigmund Freud (1856-1939) – procurou estabelecer uma propedêutica a todos os domínios

científicos, estruturando uma ciência rigorosa e uma teoria do conhecimento (gnosologia) a serviço desta ciência. Não é a substituição das abordagens quantitativas pelas abordagens qualitativas que seu pensamento defende, mas a atribuição do devido papel a cada qual, evitando que um objeto de natureza essencialmente qualitativa seja irrefletidamente interpretado por via quantitativa. Portanto, é na reflexão sobre os objetos, ou as *coisas mesmas*, que se baseia o método que viria a ser chamado de método fenomenológico. O interesse de Husserl é acerca dos caminhos através dos quais se chega aos objetos questionados pela ciência. Antes da objetividade, Husserl considera que o sujeito da atuação científica vale-se de sua subjetividade<sup>3</sup>.

Por intermédio da perspectiva de Husserl, não exclusiva de seu contexto, contudo, pela influência que teve, certamente determinante, acusa-se a falácia do empréstimo de métodos provindos da física para atribuir às ciências humanas, como a Psicologia, um estatuto científico. Tais aplicações têm como consequência a distorção do objeto, uma vez que não se lida com a psique, mas sim com uma parcela reduzida e, comumente, pouco delimitada da psique. Em suma, o que determina a ciência não é o método (abordagem físico-matemática), mas o rigor racional, ou seja a busca da verdade relacionada ao objeto em questão. Dá-se a relatividade do método, pois é o *objeto* que demandará, pela sua natureza, o método que lhe é devido. Mediando o objeto e o método, está sempre o sujeito atuante; atuante inclusive na configuração do objeto. Há um contrapositionamento quanto à interpretação de que o sentido do objeto possa ser independente do sujeito: o objeto está em relação com o sujeito e só nesta relação é que ele pode se constituir em sentido, bem como sua demanda metodológica. Tal reflexão exige a assunção do sujeito cog-

<sup>2</sup> De fato o nascimento da Psicologia experimental é datado em 1879 com a inauguração do primeiro laboratório de Psicologia fundado pelo alemão Wilhelm Wundt (1832-1920).

<sup>3</sup> Algumas reflexões a esse respeito serão estendidas logo abaixo em A subjetividade como itinerário da objetividade: por uma origem do fato.

noscitivo também como objeto de análise, daí a característica gnosiológica da fenomenologia.

### **O idealismo e o realismo**

Interessavam a Husserl duas maneiras fundamentais de compreender a relação sujeito-objeto. Afirmando o primado do objeto em relação ao sujeito, perspectiva realista, entende-se que é da realidade do objeto que o conhecimento parte. Já os idealistas afirmam o primado do sujeito e, no limite, chegam a entender o mundo como uma representação mental em que os corpos têm apenas uma existência ideal, negando sua existência real. No interior dessas duas amplas perspectivas, há uma vasta miríade de variações. Para os presentes propósitos não interessa aqui o aprofundamento de cada uma das perspectivas, mas apenas indicar o contraste geral entre ambas e destacar a solução original de Husserl para a polêmica que acabou influenciando toda a filosofia e as ciências humanas do século XX. Cite-se, de passagem, que anteriormente Immanuel Kant (1724-1804) procurou resolver o dilema, refutando cada uma das perspectivas. Husserl, entretanto, considera que Kant chega a um resultado que é idealista em última análise<sup>4</sup>.

O pensamento de René Descartes (1596-1650) dá origem ao racionalismo. Matemático, Descartes criticou a geometria euclidiana<sup>5</sup>, que se valia do uso de figuras e de representações imaginadas de figuras. Em uma geometria cartesiana, a imagem forma-se posteriormente à teorização matemática, isto é, têm-se coordenadas numéricas, por exemplo, que permitem que se delineie a imagem. Na super ênfatização da teorização, critica-se a imaginação. Os

alvos dos ataques cartesianos não se limitam à imaginação, mas estendem-se à experiência sensorial, que não é considerada confiável.

Os empiristas ingleses, por outro lado, têm a sensação justamente como o ponto de apoio para a certeza do conhecimento, evidência pela qual se apreende a verdade. David Hume (1711-1776) chegará a afirmar que o homem é um feixe de sensações. Para os empiristas, a razão, além de não ser uma substância, é secundária à sensação.

Na impossibilidade de confiar na imaginação, bem como na sensação, Descartes lança a dúvida sobre a realidade de todas as coisas, inclusive sobre si próprio, para constatar que, mesmo que duvide de tudo, ainda lhe resta uma coisa indubitável: a possibilidade de duvidar. Ela se identifica à possibilidade de pensar – daí o *cogito ergo sum* (*penso, logo existo*), que dá validade ao sujeito somente enquanto sujeito pensante. Husserl retoma o *cogito* e o valida, assumindo-o recorrentemente como ponto de partida de suas análises, que têm na consciência o resíduo fenomenológico; porém, à diferença de Descartes, toma a consciência como possível quando em relação com algo, isto é, a consciência vem ao universo da mesma forma que o universo vem à consciência. A perspectiva husserliana considera a razão e a sensação como motivos do conhecimento e empenha-se contra as propostas teóricas, ou racionalistas, de leitura da realidade.

### **A subjetividade como itinerário da objetividade: por uma origem do fato.**

Um dos primeiros a utilizar a expressão *fenomenologia* depois – retomada e transforma-

<sup>4</sup> Curiosamente os principais críticos de Husserl também o acusarão de idealismo. Contudo, tal diagnóstico de seu pensamento não só não é unânime como, na contramão da tendência hegemônica, tem sido refutado por estudos que levantam a obra de Husserl, material de arquivo não publicado do filósofo e, principalmente, debates travados na revista de filosofia da qual era o editor, para reconhecer que o idealismo não procede como posição definitiva do autor. Veja-se Ales Bello (2003).

<sup>5</sup> Proveniente do pensamento de Euclides (330-227a.C.), matemático grego, a geometria euclidiana formula conceitos principais, como ponto, linha e plano, além de fundamentos para a geometria, orientando critérios de onde todas as conseqüências podem ser deduzidas; são os chamados postulados. Sua geometria é um avanço sobre aquela primeira teorização de Pitágoras sobre a aplicação prática da geometria egípcia, que tinha necessidade de fazer medidas da terra (significado original de geometria) sempre que houvesse a cheia do rio Nilo. Conforme Ales Bello, A. (2004). Fenomenologia e Ciências Humanas. Bauru: Edusc.

da por Husserl – foi Friedrich Hegel (1770-1831), que tomava aquilo que se caracteriza por subjetivo como aparente ou ilusório<sup>6</sup>. Esse gênero de mentalidade está presente também na filosofia positivista, que considerava dignos de interesse apenas aqueles dados que fossem úteis, concretos, experimentais, factuais. Os interesses das ciências positivistas eram, portanto, os fatos objetivos.

Husserl não nega os fatos e seu valor, fatos são existentes e concretos, porém consideramos, e à sua presumida objetividade, como não sendo dados apriorísticos – presenças de objetos definidos independentemente do homem (perspectiva realista) ou presenças mentais às quais os objetos se acordam (perspectiva idealista). Considera que os fatos são constituídos no exercício consciente de objetivação, que passa necessariamente pela subjetividade. Um fato é um construto da abstração, construto esse que se dá como atuação do conhecimento. A existência factual tem, portanto, seu sentido. Um fato científico se dá a partir de um conhecimento, isto é, precisa do sujeito atuante que o descobre e investiga fazendo uso de seus instrumentos de consciência. No entanto, se o fato parte do conhecimento, e se é considerada a possibilidade de um dado conhecimento partir de premissas duvidosas, constata-se a necessidade de que o conhecimento seja investiga-

do em si, passo a passo. Como há uma enormidade de conhecimentos e valores que partem de abstrações, de especulações muitas vezes a alturas inalcançáveis, tendo, porém, inferências na atuação científica, pode-se fazer importante uso do interesse do projeto fenomenológico de Husserl em voltar às *coisas mesmas* para que o conhecimento se assente sobre bases sólidas. Com isso, não será a existência dos fatos o interesse de Husserl, mas as essências.

O interesse do sujeito atuante por determinado objeto, a escolha de certa orientação à investigação, entre tantos outros fatores, passam necessariamente por atuações subjetivas várias, dentre as quais o desejo e os valores, sejam lá que desejo e que valores forem. Por isso, pode-se depreender que a neutralidade científica é certamente intenção oculta ou alienada, caso se insista em afirmá-la amplamente neutra<sup>7</sup> e caso se negue a atentar aos passos subjetivos que a levaram à objetividade. Daí, sobretudo na atualidade, dados os enormes progressos técnicos da ciência, ser importante ir a fundo nos valores que movem o avanço e a aplicação científica, evitando perigos concretos à humanidade como o foi, na primeira metade do século XX, o perigo eugênico, impulsionado pelas premissas do fato e da utilidade da ciência positivista. Utilidade para quê? Fato, qual?<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Abbagnano, N. (1998). *Verbetes Soggettività*. Dicionario di Filosofia. Torino: Ed. UTET, p.1017.

<sup>7</sup> A neutralidade científica, se é que se deva continuar usando esse termo, limita-se a cuidados técnicos de não interferência do investigador nos resultados obtidos através de passos metódicos adequadamente descritos. De maneira alguma, no entanto, pode pretender incidir nos objetivos e premissas que levam à pesquisa, jamais neutros, mas com objetividade constituída via subjetividade.

<sup>8</sup> A superioridade racial era dada como um fato, mas as premissas que levam a essa conclusão só podem ter valor ideológico. A esse respeito recomenda-se Masiero, A. e Massimi, M. (2004). *Eugenia e Psicologia Racial no Brasil 1869-1940. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Dep. De Psicologia e educação da FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP. Tese que versa a respeito da relação entre psicologia e eugenia no Brasil no período que vai do final do séc. XIX a meados do séc. XX.*

## Arqueologia das culturas

### **O universo na consciência: a intencionalidade como ponto de partida**

O universo vem à consciência da mesma forma que a consciência vem ao universo, isto é, simultaneamente. A consciência é sempre *consciência de* alguma coisa – e não importa a que coisa a consciência se dirija, esta coisa sempre é própria do universo e só se manifesta a uma consciência. É nessa relação, definidora da consciência, que o pensamento de Husserl identifica a via de acesso, ou melhor, a via constitutiva da realidade. A ela, Husserl nomeia *intencionalidade*, não à toa, mas porque a consciência, sendo *consciência de*, trava sempre uma relação de *intenção* <sup>9</sup>.

Antes de um aprofundamento da questão da consciência, que abre imediatamente questões como a da corporeidade e do mundo circundante, convém citar aquilo que não é a consciência, ou aquelas teses a respeito da consciência que precisam ser abandonadas a fim de que se revele a sua essência. A consciência não é substância pensante (*res cogitans*) separada da matéria (*res extensa*) e não corresponde, como querem as teses naturalistas, à interioridade por oposição à exterioridade. Ao invés de tomar por dada a validade dessas posições, que se seja mais elementar, evitando que projeções de ordem teórica (leia-se especulativa) impeçam a constatação do imediato da consciência.

No exame da realidade, esquivar-se de projeções coladas às *coisas*, projeções que podem ser de ordens várias, como sociais, lógicas e psicológicas, por exemplo, serve para que se faça o necessário *retorno às coisas mesmas* – lema da fenomenologia. Para o exame da *coisa*

*mesma*, procura-se tomar a *atitude natural* e separá-la da coisa, isto é, separar tudo aquilo que “contamina” a relação entre consciência e *coisa* investigada; tirar de cena juízos, pressupostos, preconceitos, crenças e teorias, por exemplo. Tal separação visa frisar, idealmente, a *coisa mesma*, ou melhor, a intencionalidade invariável da consciência a respeito da coisa em seu aspecto universal. O aspecto universal é sua essência que emerge com a subtração dos predicativos em torno da coisa, dispensáveis para sua definição. Chega-se a um momento de *consciência da coisa* purificada, consciência livre de todos aqueles fatores que a fazem não só *consciência da coisa*, mas consciência da coisa invadida por pré-concepções, ou por pré-intencionalidades. Portanto, na *epoché*<sup>10</sup> – que é a operação que descrevemos neste parágrafo – busca-se a intencionalidade da *coisa*<sup>11</sup>, intencionalidade esta que só pode se dar na relação coisa/consciência e que, em última instância, não distingue a consciência da própria coisa.

A consciência é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, ela não existe, ela não é nada fora dessa relação com uma coisa, seja uma coisa concreta ou abstrata. Na intencionalidade – e daí a necessidade de purificá-la para se chegar às coisas mesmas – está a forma como as coisas são visadas pela consciência. A forma de visar caracteriza a consciência. Caso, por exemplo, se procure saber qual consciência determinada pessoa tem sobre certo tema, se está procurando saber como essa pessoa vê esse tema, como ela se posiciona em relação ou na relação com esse tema. Além da constatação de que a consciência é exatamente

<sup>9</sup> A consciência está sempre numa relação intencional, não no sentido de ter um projeto de intencionalidade, mas no sentido de dirigir-se ao que visa e, mesmo que na mais desinteressada das percepções, tem esse direcionamento como intencionalidade. Por intencionalidade deve-se entender, assim, desde a ação elementar de direcionamento da consciência ao objeto, ação prévia àquela intenção moral que, por sua vez, na terminologia de Husserl, será melhor designada por motivação, até a própria intencionalidade de tipo motivacional.

<sup>10</sup> De origem grega, *epoché* é o nome que Husserl deu à sua redução fenomenológica. Resumidamente, consiste na suspensão do juízo.

<sup>11</sup> A intencionalidade da coisa é o modo típico como a coisa se apresenta à consciência e que pode ser explicado através da comparação da coisa visada sob variações diversas: aquele aspecto que não varia, aquele modo típico da coisa é a sua essência.

te o modo de visar, modo este que precisa de um objeto visado, deve-se esclarecer que, mesmo que a consciência não aja por si mesma separadamente das coisas e dos objetos, sua essência não é idêntica a tais objetos, mas constitui a si e às suas qualidades nessa relação. Essa relação é também constitutiva do mundo e é chamada de *resíduo fenomenológico*, por ser aquilo que, segundo Husserl, não pode ser suspenso, não pode ser posto entre parênteses, permanecendo como o resíduo daquela subtração que é a *epoché*: a consciência, ou subjetividade.

### **A noética e a hilética: traços gerais de um método de comparação cultural**

A corrente das experiências vivenciais é tida como a unidade da consciência e sua análise permite a distinção entre duas dimensões de experiências: como conteúdo primário e como conteúdo intencional. Chama-se a primeira hilética, referência ampla às sensações, impressões sensoriais e impulsos. A segunda, noética<sup>12</sup>, referência aos “atos de compreensão da consciência que visam apreender o objeto, como o perceber, o recordar, o imaginar, etc.”<sup>13</sup>. A distinção entre essas duas dimensões é importante para o trabalho de comparação cultural fenomenologicamente comprometido com a busca do sentido originário dos produtos culturais investigados, evitando-se interpretá-los com um sentido externo que ver-se a partir de uma perspectiva auto-centrada, dita também etnocêntrica e, mais delimitadamente, eurocêntrica. Isso não significa que haja o abandono da perspectiva cultural de onde se parte, apenas a sua suspensão momentânea<sup>14</sup>, a fim de

apreender as experiências vivenciais de uma cultura outra.

O conteúdo primário, ou dados hiléticos, corresponde à matéria prima para a formação do conteúdo intencional. O conteúdo intencional se caracteriza por dar sentido, também entendido como forma (no grego *morphè*), exatamente como aqueles atos que dão forma à materialidade e são estudados por uma morfologia. No entanto, o significado de *forma* também deve ser entendido como o próprio sentido, ou a própria intencionalidade (a intencionalidade tem sentido em si); Husserl escolheu o termo grego *noese*, com essas denotações, para tratar dessa categoria<sup>15</sup>. A noética diz respeito, portanto, aos *atos* como recordação, imaginação e outros, à ação intelectual entendida de forma ampla<sup>16</sup>. Para Husserl, o aspecto significativo, isto é, o aspecto que dá sentido apreendendo a realidade com uma forma, apreendendo-a compreensivamente, é o mais rico entre as duas dimensões e a tal aspecto se dirigem suas análises<sup>17</sup>.

O trabalho de Angela Ales Bello, todavia, vem equalizando a valorização das duas dimensões, em análises de cunho antropológico, e transformando a tendência de reduzir o enfoque da análise à noética e de preterir a dimensão hilética. Tal equalização visa aprimorar a instrumentação conceitual da análise fenomenológica das culturas. Como já ressaltado<sup>18</sup>, no limite das reduções fenomenológicas, isto é, naquilo que resta depois que a existência de todas as coisas é colocada entre parênteses, para serem tratadas depois, o resíduo final é a subjetividade, a consciência. Ales Bello, entretanto, pro-

<sup>12</sup> Cf. Ales Bello, A. (1998), *op. cit.* Ver p. 86.

<sup>13</sup> Abbagnano, N. (1998). *Verbete Noetica*. Dicionario di Filosofia. Torino: Ed. UTET, p.760.

<sup>14</sup> A *epoché*, ação de colocar entre parênteses.

<sup>15</sup> Conforme Ales Bello, A. 2004, *op. cit.*

<sup>16</sup> O objeto formado pela dimensão noética é chamado noema, termo que se refere à apreensão de um objeto, isto é, não é uma referência ao objeto em si, um som, por exemplo, mas à forma com que ele é apreendido e a todas as características dessa apreensão específica. O noema é o objeto como compreendido pela consciência, sendo assim, é o aspecto objetivo da experiência vivencial, o objeto mentalmente representado, portanto, o produto da noética (ação intelectual ampla).

<sup>17</sup> Ales Bello, A. (1998), *op. cit.*. Referido a argumento desenvolvido na pg. 86.

<sup>18</sup> Ver O universo na consciência: a intencionalidade como ponto de partida.

põe uma radicalização da perspectiva fenomenológica, que submeta à crítica inclusive o pólo subjetivo, ou seja, o resíduo final da redução fenomenológica<sup>19</sup>. Esse momento revelará o impacto determinante da esfera hilética, não apenas para a análise intercultural, mas também, e sobretudo, já que justifica seu impacto para a análise cultural, na constituição do mundo da vida ou, mais precisamente, na constituição estrutural do homem e de seu mundo.

Se o impacto hilético não fora antes seriamente considerado como objeto significativo para a análise cultural, tal fato se dá por conta de que o desenvolvimento abundante das formações significadoras complexas da cultura ocidental (doutrinas, teorias, filosofias) faz com que o contato com a realidade esteja quase sempre mediado intelectualmente. Do fato de se partir exatamente do interesse intelectual e de sua mediação para se indagar a esse respeito, deriva a questão: seria possível deixar a mediação intelectual? Segundo o argumento de Ales Bello, não se trata de abdicar do intermédio intelectual, sem o qual não pode haver sequer a categoria de análise de que ora se vale, mas de fazer uso desse intermédio com uma radicalização que permita “suspê-lo” – o que é um exercício objetivo e progressivo realizado coletivamente – para observar o impacto da realidade na corporeidade em um momento pré-categorial. A compreensão almejada é inquestionavelmente intelectual e analítica. Entretanto, se tiver a pretensão de adequar o hábito intelectual de culturas outras ao tipicamente ocidental, acrescenta-se com maior clareza, se tiver a pretensão de compreender a cultura investigada unicamente através de sua esfera intelectual, tendo como critério de referência a ação analítica que caracteriza o próprio hábito mental de onde se parte, este hábito intelectual de uma cultura outra estará destinado a ser avaliado como sendo próprio de uma fase pré-analítica. Esta será concebida como uma fase intelectual menos evoluída e portadora de uma lógica inferior, uma lógica ainda não-contraditória, por exemplo. De modo simplificado, tal foi o enfoque da antropologia cultural sobre as

culturas e povos sintomaticamente chamados primitivos. Incorre-se no equívoco valorativo de partir do pensamento, ao invés de partir da experiência de estar no mundo.

A fenomenologia husserliana desenvolve um prisma original, a partir do qual o enfoque deixa de ser exclusivamente o sentido dado, para voltar-se à própria formação constitutiva do sentido. O conceito que caracteriza este prisma é o de experiência vivencial. Já que a suspensão do juízo e o enfoque sobre as experiências vivenciais modificam o olhar investigativo – a ação objetivante do intelecto com suas categorias não é mais pressuposta como o objeto principal –, o prisma fenomenológico permite perguntar: entre os elementos estruturais (consciência, psique, corpo) do ser humano e seus atos (intelectivos, impulsivos, sensitivos), quais aqueles que determinam as experiências vivenciais e seus conseqüentes produtos culturais? E como o fazem? Até agora, os estudos vêm explorando estritamente o sentido das ações e, mesmo que procurem um sentido interno, abordam o produto final das vivências, que é o pensamento expresso, como se ele por si só justificasse as ações. Assim, responder-se-ia que o elemento estrutural predominante e central em um suposto “homem de todos os tempos” é a consciência em sua ação intelectual. Como se verá no parágrafo seguinte, a exploração exclusiva do pensamento, a exploração centrada em um tipo de mundo das idéias, é a aplicação historicamente não auto-crítica, mas auto-criteriosa (enquanto se define como critério), de uma suposta verdade caracteristicamente ocidental. Esta, todavia, não é propriamente uma verdade imediata, mas um fato historicamente constituído que por sua força e impacto passou a ser aplicado extra-territorialmente, isto é, a verdade racionalmente conduzida prestou-se quase invariavelmente a pôr em descrédito expressões que não se valessem ou não se adequassem a seus critérios. Assim, a partir daqui, em cada investigação será imprescindível que se anote como se dão as várias experiências vivenciais e quais seus produtos.

<sup>19</sup> Cf. Ales Bello, A. (1998), *op. cit.*. Veja-se pg. 89.



Por via regressiva chega-se à conclusão de que não é o pensamento que justifica a existência das ações, mas que são as ações que determinam a existência do pensamento.

A cultura ocidental é herdeira de conclusões filosóficas que atribuem ao pensamento o primado e o mais alto valor humano. Para que não haja uma extensão no assunto de maneira despropositada, pensa-se aqui em duas concepções axiais da filosofia nascidas no pensamento de Platão (428/427-347 a.C.) e de René Descartes. Ainda que o segundo tenha sido influenciado pelo primeiro, ele não foi menos determinante, dada a chama que co-delineou luzes e sombras da modernidade. O hiperurânio platônico é o mundo das idéias, as formas (*eidos*) perfeitas almejadas pelos homens que, ao longo da vida, devem se esforçar para se afastar do mundo sensível próprio do corpo e se reaproximar daquele mundo de onde, conta o mito, o homem teria um dia caído. A influência platônica atinge praticamente toda a filosofia ocidental. É o pensamento que aproxima o homem do hiperurânio, em prejuízo do corpo pejorativamente tratado. A *res cogitans* (substância pensante) de Descartes iria, aproximadamente dois milênios depois de Platão, aplicar definitivamente o valor do pensamento – para os cartesianos, a única fonte verdadeiramente confiável a que o homem pode se agarrar – à ciência moderna (domínio que caracteriza o período por seus consideráveis desenvolvimentos técnicos) e ao cotidiano das pessoas, tendo-o radicalizado no formato racionalista.

O exercício husserliano de retorno às *coisas mesmas* ajuda, como visto, a reconsiderar, sem qualquer desmerecimento, esses valores historicamente herdados, trazendo à luz outras evidências, as evidências imediatas<sup>20</sup>. É proveitoso fazer uso das análises e descrições de cunhos antropológico, psicológico, filosófico e

mesmo teológico, que digam respeito a isso<sup>21</sup>. Chega-se a essa manifestação pré-categorial que não proporá um resíduo fenomenológico para além da consciência, mas que tirará da noética a centralidade de aparência universalmente hegemônica, para revelar a centralidade material como primado da constituição da subjetividade. Conta-se com as investigações realizadas a partir de perspectivas diferentes da fenomenológica (a antropologia cultural, por exemplo) que trazem o mérito de exporem etapas importantes da comparação cultural para que, finalmente, se avance, até a localização de um princípio comum entre os homens e suas diferentes culturas.

Ainda que o termo *hilética* seja adjetivo de *hyles*, termo oriundo da palavra grega *hyloziosti* (matéria-animal-vivente), ele foi usado por Husserl com outro sentido. Por hilética, Husserl entende a ampla dimensão da sensibilidade, evitando os limites que seriam trazidos pelo emprego do próprio termo sensibilidade, normalmente atribuído restritamente aos cinco sentidos – tato, olfato, visão, audição e gustação. Os dados hiléticos são ditos por Husserl dados materiais e se referem às sensações (cinco sentidos), voltadas ao mundo exterior, às impressões sensoriais (cinestesia, cenestesia, prazer, dor, etc.), voltadas ao mundo interior (egológico), e também aos impulsos (instinto, emoções, vontade). São os materiais da correlação interno-externo (por exemplo, prazer associado à cor branca) que servem para a formação de sentidos intencionais, isto é, para a noética<sup>22</sup>. Na relação interno-externo revela-se a dupla constituição do corpo, responsável pela vivência, no ato de tocar algo, de duas experiências contemporâneas ocorrendo: uma somática (impressões sensíveis que revelam a mim a existência de meu corpo) e outra física (percebe-se a exterioridade física e característica – fria,

<sup>20</sup> Por evidências imediatas entendem-se aquelas que se dão à intencionalidade sem a atuação do filtro intencional que julga e avalia de acordo com os hábitos empenhados na subjetividade, ou seja, as evidências como se dão em “carne e osso”.

<sup>21</sup> Por exemplo, daquelas descrições sobre as sensações e a materialidade em ações e expressões culturais várias, como os ritos em sociedades arcaicas.

<sup>22</sup> Conforme Ales Bello, A. (2004), *op. cit.*

quente, dura, etc. – da coisa tocada)<sup>23</sup>.

Ales Bello caracteriza a hilética como uma intencionalidade passiva (*tensão a*), isto é, ao contrário da propriedade da intencionalidade noética, a hilética é não volitiva. Nesse sentido, a hilética atua nas culturas *outras* como elemento central da percepção, ou seja, preenche de sentidos ainda que não carregados intelectualmente, mas plenos de afeição: atrativos ou, pelo contrário, retrativos, sobre o que se constituirão, por exemplo, os sentidos do sagrado e do profano coletivamente vivenciados na dimensão noética. Já a intencionalidade da noética na cultura ocidental é subjetivo-intencional e, centrada na subjetividade, é uma intencionalidade pessoal egocentrada.

Era como subjetividade egocentrada que Husserl definia o resíduo fenomenológico. Ales Bello revê tal posição afirmando haver um aspecto não egocentrado que registra a consciência. Fazendo parte da própria estrutura humana, é a esse aspecto que se deve dirigir a escavação regressiva da arqueologia das culturas, para que se apreenda com autenticidade as experiências vivenciais de culturas outras.

A intencionalidade da hilética é de caráter sensual e atua como consequência imediata ao *impacto* do objeto, ou seja, como coordenação imediata (ou ricochete) da corporeidade na relação entre corpo e objeto (ainda vividos como indiferenciados). Nessa condição, a consciência permanece como mera espectadora. É, portanto, uma intencionalidade pessoal, enquanto passa pelo corpo individual, mas eventualmente em culturas outras é vivenciada como expressão coletiva, prescindindo daquele caráter potencialmente *autoral* que define a intencionalidade da noética<sup>24</sup>.

Para finalizar, o momento hilético tomado isoladamente é aquele que atua a corporeidade,

estando passiva a consciência volitiva. O corpo *re-age* ao mundo para o qual se direciona e se projeta. Ao fazer referência à corporeidade, ainda sem considerar a intencionalidade volitiva da consciência, faz-se referência a ações pré-lógicas e pré-categoriais, a um estado originário sobre o qual, sucessivamente, serão desenvolvidas as capacidades (pode-se dizer também, as técnicas) cognoscitivas da consciência. Este estado originário, presente na hilética e acessível pelo método regressivo, é de uma intencionalidade passiva e latente que age de acordo com as solicitações do mundo.

Husserl dava ao corpo o estatuto de *ponto zero* de referência, o que não tem significado de ponto nulo. Pelo contrário, é sobre o *zero* que tudo pode acontecer e em referência a ele o mundo consciente sempre estará. Na sua relação com o mundo, o corpo não se distancia das coisas a que está exposto, mas está em unidade com elas; o corpo está nas coisas que toca, ouve, gusta, cheira, vê. Desta primeira exposição, que tem uma intencionalidade natural, podem decorrer as posteriores formações intencionais volitivas. A ação objetivante possível na esfera noética é aquela que transformará essa relação do corpo inerente ao mundo e do mundo inerente ao corpo em relação cindida *sujeito-objeto* na qual *objeto*, do étimo latino *objectus*, é o que sofre “a ação de pôr adiante, interposição, obstáculo, barreira”<sup>25</sup>, ação realizada pela diferenciação feita pela subjetividade, isto é, no fundo, o que se interpõe entre sujeito e objeto é a ação do primeiro, o pensamento. A dupla constituição do corpo encontra no sistemático desenvolvimento da ação no mundo, e de seu correlato cognitivo, as capacidades de ordenar, denominar, relacionar, interpretar o mundo num gradual afastamento do imediato corpóreo constituinte da abstração.

<sup>23</sup> Veja-se Levine, É. e Touboul, P. (2002). *L'expérience du corps propre: Husserl La doublé constitution du corps propre* (pp. 82-86). Em Levine, É. e Touboul, P. (2002). *Le corps*. Paris: Flammarion.

<sup>24</sup> Sobre a hilética conforme o pensamento de Ales Bello tem-se o auxílio e se recomenda o esclarecedor artigo de Nicoletta Ghigi (2003) *A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello*. Memorandum, 4, 48-60. Retirado em 02/12/03, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo04/ghigi01.htm>.

<sup>25</sup> Cf. Houaiss e Vilar (2002), *op. cit.*, p. 2042.

## Referências Bibliográficas

Abbagnano, N. *Dizionario di Filosofia*. Torino: UTET, 1998.

Ales Bello, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* [Trad. A. Angonese]. Bauru: Edusc, 1998 [Original publicado em 1997].

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2004.

\_\_\_\_\_. Il simbolo nell'esperienza sacrale-religiosa: un'analisi fenomenologica. *Memorandum*, n.5, p.134-147, 2003a. Disponível em [www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo05/alesbello02.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigo05/alesbello02.htm). Acesso em 08/12/2003.

\_\_\_\_\_. *L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: ETS, 2003b.

Ghigi, N., (2003). A hilética fenomenológica: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, 48-60. Disponível em [www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos4/ghigi01.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos4/ghigi01.htm). Acesso em 11/06/2003.

Houaiss, A.; Villar, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Levine, É.; Touboul, P. (2002). L'expérience du corps propre: Husserl La doublé constitution du corps propre. \_\_\_\_\_. *Le corps*. Paris: Flammarion, 2002, p. 82-86.

Masiero, A.; Massimi, M. *Eugenia e Psicologia Racial no Brasil 1869-1940*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Dep. de Psicologia e Educação da FFCLRP, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP (2004).